

# “ ENSINAE A LER ”

CARLOS GÓES

Comemora-se em 1990 o Ano Internacional da Alfabetização. Neste momento histórico, abordam-se algumas questões que já se discutiam no início do século.

Como agora, a preocupação com a educação básica e com propostas de desalfabetização integravam o programa de vários grupos de políticos como a Liga Nacionalista e as Ligas de Defesa Nacional.

Em 1916, Carlos Góes, catedrático de Português do então Ginásio Mineiro, gramático de renome e membro da Academia Mineira de Letras, publicou um “ episódio dramático ”- Ensinæ a ler -doando os direitos autorais, inclusive os de representação, para a Liga contra o Analfabetismo.

A peça foi representada pela primeira vez no Teatro Municipal de Belo Horizonte, a 31 de outubro de 1916, pela célebre companhia Leopoldo Fróes -Lucília Peres.

A ideologia que norteia os atuais movimentos contra o analfabetismo estará presente na peça em questão?

Pela alfabetização buscamos formar o homem? O cidadão? O brasileiro?

Aprender a ler promove o homem?

Na estrutura familiar, é a Mãe a responsável, a incentivadora, a mais consciente da importância de saber ler?

A escolha deste texto de segunda leitura resultou da intenção de conjugar duas diferentes iniciativas históricas, contendo ambas a mesma finalidade mas com objetivos e idéias próprias de cada época.

A leitura deste texto de apoio à “ Liga contra o Analfabetismo ” certamente enriquecerá o debate sobre a importância da alfabetização e da convocação suscitada, também, pelas comemorações do Ano Internacional da Alfabetização: “ Ensinæ a ler!”

Maria Angela de Faria Resende

Maria Therezinha Saad Bedran

Prof<sup>as</sup> do Dept<sup>o</sup> de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação/ UFMG



Bello Horizonte  
 Imprensa Official do Estado de Minas  
 1917

A bem da divulgação que deve ter o ideal collimado por este modesto trabalho, o auctor declara renunciar a quaesquer direitos e vantagens que lhe assegura a Lei, e declara LIVRE a reproducção d' este seu original pelos Governos dos Estados e da União, pela Imprensa Nacional, Liga contra o Analfabetismo e Imprensa Official de Minas. Outro-sim declara LIVRE a representação.

Ao Exmo.Sr.

Dr. Delfim Moreira

Emerito planejador, e um dos abnegados executores, da Refórma da Instrucção Publica em Minas,

Homenagem d'

O AUCTOR  
 PERSONAGENS

- A Mãe (35 annos).....Snra. Lucilia Peres
- O FILHO( 10 annos).....Snra, Amalia Capitani
- O PAE ( 38 annos ).....Snr. Attila de Moraes
- O PROFESSOR (36 annos).....Snr. Eduardo Pereira
- O VAGABUNDO (25 annos).....Snr. Leopoldo Fróes
- O VIZINHO (36 annos).....Snr. João Colás

Soldados, populares, etc.  
 No Rio de Janeiro- Anno de 1915

1ª Representação no Theatro Municipal de Bello Horizonte a 31 de Outubro de 1916

Sala pobre em casa de familia operaria. Uma mesa de pinho branco, de pés não torneados,tendo ao centro um alguidar de barro, uma moringa desbeichada, sem tampa, um copo de vidro grosso, e um boião. Tamborettes. Um guarda - comida, tendo em cima um despertador que marca 7 horas da manhã mais ou menos, e um armario para louça, tudo mais tóscos possivel. Na parede, emmoldurada, uma imagem do Senhor.

Scena I

A MÃE E O FILHO  
 (O Filho joga pião. A Mãe, de avental, apprehensiva, olha as horas no despertador)

- A MÃE
- A fabrica apitou?
- O FILHO
- Não apitou. Bem que botei sentido.
- A MÃE
- (mais apprehensiva)
- Mais um dia sem trabalho.
- O FILHO
- (com alegria, batendo palmas)

**Regra a observar**  
 "Escrepta direita, papel direito, corpo direito"  
 Série de 5 cadernos

O 1.º caderno "preliminar" sendo a base essencial de todo Methodo, o professor não deverá passar ao 2.º, enquanto o alumnado não o souber fazer com exatidão perfeita.

Contendo este caderno, hastes rectas e curvas com u, do 5.º, destinadas á formação do alfabeto pitaguetto, o professor exigirá do alumnado o maior cuidado na sua execução, attendendo a que, realisadas os seus exercicios, e alumnado não reconhecerá difficuldade alguma em escrever.

O 2.º caderno é composto de phrases com letras sem hastes de traço, ligadas, apertadas, rombas e signos orthographicos. As letras são divididas por linhas paralellas, formando quadrilateros, afim de abrigar o alumnado a escrever dentro desse perimetro.

O 3.º caderno, igualmente quadrilátero, é composto de phrases de combenimentos uteis, letras de traço, com hastes superiores, inferiores e mistas.

O 4.º caderno contém 4 signos, que combinados com os de 1.º caderno, facilitarão ao alumnado a escrever as letras malfeitas. Contem neste caderno 10 phrases sobre historia patria, com letras de traço, sendo algumas quadriláteras no peltano.

O 5.º caderno é composto de phrases de combenimentos uteis, com letras de traço, incluindo assim as letras verticaes, de alfabetos romão e gótico, incluindo o minúsculo, exceto os signos orthographicos, com hastes superiores, inferiores, rectas, pedidas, etc.

A systematização preliminar de todo Methodo, uma maxima facilidade ao ensino calligraphico, poupando aos professores e alumnado o trabalho tedioso do combenimento e aprendizagem da calligraphia.

A publicação dos cadernos em quadrilátero e a direccão pratica das hastes, obrigando o alumnado a ficar com a calligraphia uniforme e terna sem grande esforço.

Sendo o tipo de letra vertical americana muito difficil para a aprendizagem infantil, devido a sua complicada forma, adoptei o mesmo tipo romano obliquo dando-lhe a forma vertical, facilitando assim ao professor que já a conhece bem, e ensinar pelo novo Methodo.

A impressão é feita em tinta azul, por ser esta a que mais se adapta ao olho da criança, e que não acciona com a pele leve, sensibilizada pela pedagogia, que influencia adversamente sobre a vista, traz graves consequencias, compromettendo seriamente a saúde dos olhos.

Os cadernos firmados pelos mais competentes professores do Estado, inseridos no verso corpo, constituem um peq.º segredo da execução do Novo Methodo de escrepta vertical por phrasas, que tanto mais interessa a proficiência dos alunos quanto mais cedo.

*Augusto*



PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA  
**LITH. ESTAMP. MINEIRA**  
 RUA DIREITA 93 A  
 JUIZ DE FORA E DE MINAS

De accordo com o programma de  
 ensino dos Grupos  
 Escolares e Escolas Publicas  
 Primarias  
 do Estado de Minas e decreto  
 N. 3405 de  
 15 de Janeiro de 1912.

Bem bom! Bem bom! Papae está hoje de folga! Viva a folia!

A MÃE

(como acima)

Aonde iremos parar!...

O FILHO

(aproximando-se)

Por que está tão triste, Mãezinha?

A MÃE

Tu não compreendes...

O FILHO

Tenho pena de ver Papae trabalhar tanto. Cada dia que deixa de haver fabrica, é um alegrão para mim.

(Salta de alegria)

A MÃE

(sorrindo para o Filho)

Quem me déra a tua idade...

Scena II

OS MESMOS, O PAE E O VIZINHO

A MÃE

Então ?...

O PAE

Mais um dia sem ganhar.

A MÃE

Já sabia -a fabrica não apitou.

O FILHO

(com alegria)

Paezinho descança hoje, descança ?

O PAE

Antes não descançasse.

O VIZINHO

Coração à larga ! Tristezas não pagam dividas- Vem d'ahi. Vamos ao botequim. ( A Mãe deita-lhe um olhar carregado, de censura )

A MÃE

O' seu João. Vá para sua casa. Deixe quiéto o meu marido. Não se metta em com a nossa vida.

O VIZINHO

Metto-me para bem. Quero alegrar o seu homem. De tempos a esta parte vive tão embezerrado...Estou-o convidando a vir ao botequim.

A MÃE

Para beber, não é ?- Olhe que o Pedro não tinha esse costume. O Sr. é que o está arrastando, hoje, amanhã...

O PAE

(para a Mulher)

Que mal faz ? E' só um góle...

A MÃE

(para o vizinho)

Um góle hoje, outro amanhã, tempo virá em que estará viciado. Depois não temos tanto dinheiro que...

O VIZINHO

Dinheiro...? Quem paga sou eu. Compete a quem convinda.

A MÃE

Pois guarde o seu dinheiro para cousa mais util.

Ninguen lhe pede que pague nem que convide...

(Gesto de contrariedade do Vizinho)

O PAE

( para a mulher; tentado)

Vou e volto num pulo.

A MÃE

(para o Filho; baixo)

Vae pedir ao papae que não vá.

O FILHO

(atirando-se para o Pae)

Papae vae brincar commigo o Calunga sulunga, não vae? (Batendo as mãos com o Pae, tal como se usa no brinquedo)

Lá detraz da serra,

Calunga,

Tem uma mulatinha

Sulunga

Com a cara queimada,

Calunga,

Quem foi que queimou?

O PAE

Quem resiste a isso ?

(Beijando o filho)

Filho do coração ! Presente do céu !- Já não vou, porque me prendes.

O FILHO

(continuando o jogo)

Foi sua senhora.

Por causa de que ?

Por o peixe frito

Que o gato comeu.

O VIZINHO

Pois bom proveito. Eu cá me vou. Para sacudir as tristezas, não ha nada como uma molhadura.

Scenna III

O PAE E A MÃE

O PAE

( afastando o Filho)

Vae.Preciso falar com tua mãe.

O FILHO

(rematando o jogo)

Calunga,sulunga. O gato fugiu. Vou atraz do gato.

(Sae correndo, como si fosse no encalço do gato, e entra no quarto)

A MÃE

Aquelle homem...E'um mau amigo. está-te arrastando para o mal.

O PAE

Coitado ! Um bom camarada-sempre prompto a convidar e a pagar.

A MÃE

Para beber ! -Não te quero viciado, Já outro dia voltaste cambaleando. Isso vac mal.

O PAE

E' para afogar a tristeza. Que diabo heide fazer para matar o tempo ? A fabrica não trabalha: fica-se átôa...

A MÃE

Tens o teu filho... Tens tua mulher... Ocupa-te de nós, e deixa o resto...

O PAE

Por falar em fito...(Pausa)-Sabes, tenho um projecto ?

A MÃE

Vamos a saber .

O PAE

Vou pôl-o na fabrica.

A MÃE

(com espanto)

Na fabrica ? (Pausa) E a escola ?

O PAE

A escola tem tempo. Depois.

A MÃE

Assim o pequeno ficará sem saber ler.

O PAE

Que monta ? Por ventura sei ler ? - E não estou vivendo ?

A MÃE

Vivendo mal, quando podias viver melhor. Si soubesses ler, já terias chegado a contramestre com 10\$ por dia. Assim nunca passarás de um tecelão. E o pequeno irá pelo mesmo caminho.

O PAE

Não digo que não aprenda. Mas isso depois, pelo tempo adiante.

O que é urgente é pôl-o na fabrica. Precisamos do seu salario. Os ganhos não dão para o nosso sustento. A fabrica trabalha agora um dia sim outro não: quer dizer que os salarios estão reduzidos à metade. Tudo encareceu com a guerra: só o aluguel da casa baixou um pouco. Despedimos a criada; quem faz todo o serviço da casa és tu. Ora, é justo que o pequeno nos auxilie. A familia é uma aliança em que entram todos do mesmo sangue. Outros, menores do que elle, já ganham para os paes na fabrica...-Deu-se agora uma vaga...

A MÃE

Quando ?

O PAE

Não sabias? O filho do Firmino, um pardinho azougado,vivo...

A MÃE

Despediu-se ?

O PAE

Não... Soffreu um desastre.

A MÃE

Morreu ?

O PAE

Não morreu, mas perdeu o braço levado pela engrenagem.

A MÃE

E queres que o Zézinho corra o mesmo risco? Não! O meu filho não vac para a fabrica: é mais facil ir eu.-E não vac, porque antes da fabrica está a escola. E porque não o quero ver inutilizado, ou quem sabe si morto?, como o filho do Firmino.

O PAE

Mas, filha...

A MÃE

(energica)Não vac !Não vac !

O PAE

(levantando-se; ameaçador)

Tu te oppões ?

A MÃE

Opponho- me, sim !

O PAE

(como acima)

Mas olha que o chefe da casa sou eu.

A MÃE

E eu sou mãe, estás ouvindo ?

O PAE

Mas o pae sou eu !

A MÃE

Tu és o pae, o filho é nosso, mas igual direito tenho eu de me oppôr !

O PAE

E igual direito tenho eu de mandar !

A MÃE

(passando da ameaça á caricia)

Pedro! Eu sou a parte mais fraca-não posso lutar contigo. Ao menos pelo nosso amor, pela nossa felicidade, peço-te... O nosso filho unico: não temos outro. Si perdesse a mão esmagada por uma engrenagem, si a polia lhe levasse um braço, ou si morresse com uma gangrena (tapando o rosto á visão da morte)...Ah! -Não! Não !Irei eu em seu lugar, e elle irá para a escola, valeu ?

O PAE

Tu para a fabrica ? Estás doida! Quem havia de fazer o serviço da casa? -Pagar uma criada com o teu salario ? Dava tudo no mesmo...

A MÃE

Então...?

O PAE

Então é que não ha remedio !(com ternura)Ouve, meu bem. Estou tirando por mez 75\$ com os 15 dias de trabalho, não é ? Pagamos de casa 30\$. Como pôde o restante dar para o armazem, o padeiro, o açougue, a roupa e o mais? -Já devo no armazem dois mezes. Ameaçou me hontem de suspender.

O pequeno poderá vencer por dia os seus 1\$500. São quasi 30\$ que dariam para o aluguel da casa.

A MÃE

(com desespero)

Oh! os pobres não deviam ter filhos !

O PAE

Quem nos déra a nós quatro ou cinco! -Olha. Tenho lá collegas que foram empregando, um por um, todos os filhos. E hoje vivem encostados em casa, á sombra do salarios d'elles.

A MÃE (com repugnancia)

Pois é um crime, ouviste? Ter filhos para viver á custa d'elles! - Os paes é que devem viver para os filhos !

O PAE

(com exaltação)

Na familia todos são eguaes: - as obrigações tocam a todos. O pae trabalha para o filho; o filho trabalha para o pae-nada mais natural. Na familia tudo deve ser em commum: não ha privilegios.

A MÃE

(vencida)

Tu tens sempre razão, porque és o mais forte. Mas, fica entendido: Si o nosso filho morrer de um desastre, - tu ficarás com o remorso! Si perder um braço ou a mão, - o culpado serás tu! Si ficar sem saber ler, - tu serás o responsavel!

O PAE

O culpado não sou eu: é o destino que me fez pobre! (apertando a cabeça nas mãos e cahindo succumbido) Ah, o grande crime de ser pobre!

A MÃE

Vou ao serviço. (Sáe)

Scena IV

O PAE E O FILHO

O FILHO

(Correndo para o Pae com um jornal aberto voltado de cima para baixo)

Papae! Que quer dizer este letreiro aqui?.

O PAE

Isto é um annuncio.

O FILHO

E que diz no annuncio ?

O PAE

Não te adeanta saber.

O FILHO

(mostrando a frente do jornal, voltada de cima para baixo)

E aqui tambem é annuncio ?

O PAE

Não. Ahi é o artigo de fundo.

O FILHO

E que diz no artigo ? Uma historia muito bonita, não é ? Uma historia como aquella que Mamãe contou hontem, não

é? Era uma vez um rei que tinha uma filha ...(deixa cahir o jornal, e estreita com as mãos o pescoço do Pae) Quero aprender a ler nos livros para saber muitas historias...Depois de ler todas..todas... Vou-te contar uma por uma até pegares no somno...(o Pae baixa a cabeça, envergonhado e commovido) E o cinema? Depois que souber ler é que vou entender bem as fitas... Assim sem saber ler não entendo.. Dá-me uma raiva... E ha tantos meninos que sabem ! Fico com uma vergonha d' elles...(Sem se poder conter, o Pae rompe em pranto convulsivo)

O FILHO

Estás chorando, Paezinho ? Falei alguma cousa de mal? Coitado de Paezinho ! (Limpa-lhe as lagrimas)

O PAE

(Levantando-se)

Entretem-te com o jornal. Fica vendo as figuras. - Estou suffocado: vou ver si me deito um pouco.

O FILHO

Não acabei a historia do gato...

O PAE

Depois...depois...(Sáe)

(O Filho volta a jogar pião. Uma attracção irresistivel impelle-o para o jornal largado no chão. Curva-se, de joelhos sobre elle, com a frente para o publico, e finge que lê)

Que é do gato ?

fugiu pro matto.

Que é do matto ?

O fogo queimou.

Que é do fogo ?

A agua apagou.

Que é da agua ?

O boi bebeu...

Scena V

O PROFESSOR E O FILHO

O PROFESSOR

Então já sabes ler ?

O FILHO

(continuando de joelhos)

Não sei, não senhor. Mas já pedi a Papae.

O PROFESSOR

(attónito)

Não sabe...? E eu que suppunha ...- E Papae que disse ?

O FILHO

Não disse nada, não senhor.

O PROFESSOR

Não disse nada...? Ora essa. Então não fez caso ?

O FILHO

Não disse nada, porque não podia falar, não senhor.

O PROFESSOR

Não te entendo. Estás gracejando, garôto ?

O FILHO

Tambem eu não entendi, não senhor. Paezinho pegou a chorar, e depois foi s'embora, e me mandou calar a bocca. E tive de calar, sim senhor. Até quiz acabar a historia do gato (aquele que fugiu pro matto, não sabe?) Mas não pude porque elle não deixou. (Pausa)

O PROFESSOR

Vae chamar teu pae...

O FILHO

Não vou não, que está dormindo. Fica zangado quando se accorda elle no meio do somno...Passava-me um "pito"...

O PROFESSOR

Intelligente, o marôto! Aqui está um diamante por lapidar. Estou sympathizando comtigo. Vem cá. (o Filho levanta-se) -Dá cá o jornal.- Conheces as letras?

O FILHO

Nunca me ensinaram. Papae não sabe. Mamãe tambem. Parece que no tempo d'elles não havia escolas.-O Vizinho é que sabe, mas nunca me quiz ensinar. Bem que lhe pedi.

O PROFESSOR

Gostarias de saber ler ?

O FILHO

Só por causa das historias e do cinema. A gente, sabendo ler, entende tudo que está nos livros, é verdade ?

O PROFESSOR

Tudo.

O FILHO

E entende o letreiro das fitas ?

O PROFESSOR

Tudo direitinho.

O FILHO

(pulando de alegria)

Então quero! Então quero! - E o senhor me ensina ?

O PROFESSOR

Ensino, sim, mas lá na na Escola.

O FILHO

O Senhor é que é o mestre?

O PROFESSOR

Com muita honra.

O FILHO

E' verdade que lá na Escola os meninos ganham doce ?

O PROFESSOR

Ganham. E outras coisas mais, a saber: uniforme...

O FILHO

Uniforme de a gente parecer soldado ?

O PROFESSOR

Todos devem ser soldados.

O FILHO

P'ra que?

O PROFESSOR

Para defender a Patria na hora do perigo.

O FILHO

Patria...? Que vem a ser isso ?

O PROFESSOR

Não sabes o que é a Patria ?

O FILHO

Nunca me ensinaram.- Deve ser uma cousa importante, não é ?

O PROFESSOR

Alguma cousa mais que tua mãe, mais que teu pae, mais que a propria familia.- E' o ar que respiras. E' a luz que te circumda. E' o sólo que pisas. E' a lingua que fallas. E' a Tradição. E' a Historia. E' a communhão de todos os individuos identificados num mêmo sentimento - o sentimento da solidariedade nacional. E'o concurso de todos para um fim unico - a grandeza do paiz.

O FILHO

Começo a entender. E'como si fosse a Mãe de nós todos.

O PROFESSOR

Isso. A Mãe commum que congrega em torno todos os filhos e diz-lhes: " A mim, todos! Por mim, o vosso ardor, a vossa vida, o vosso sangue ! Por mim, a renuncia, o desprendimento, o sacrificio ! "

O FILHO

E onde se aprende a conhecê-la?

O PROFESSOR

Na escola e nos livros.

O FILHO

Ahn...(Pausa) E, além da merenda e do uniforme, que mais a gente ganha na escola ?

O PROFESSOR

Calçado, boné, medalhas, brinquedos...

O FILHO

E quem dá á gente tanta coisa bonita ?

O PROFESSOR

A caixa escolar.

O FILHO

Não conheço. E' uma senhora muito rica?

(O Professor ri)

O FILHO

E na Escola todos os meninos cantam juntos, é verdade?

O PROFESSOR

Cantam a grandeza e a gloria da Patria.

O FILHO

Quero ir ! Quero ir !

O PROFESSOR

E' preciso licença de teu pae. Sinão, não.

O FILHO

Então vou accordal-o Nem que se zangue...

(Sáe)

Scena VI

A MÃE E O PROFESSOR

A MÃE

O Senhor ... Deseja alguma cousa ?

O PROFESSOR

Falar a seu marido. O menino foi chamar.

A MÃE

Ainda que mal pergunte ...

O PROFESSOR

Sou o professor do bairro.

A MÃE

(com transporte)

Deus o traga...Tenha a bondade de sentar-se. Não repare na nossa pobreza.- Nem de proposito. Ainda ha pouco falavamos que era preciso pôr o Zézinho na Escola.

O PROFESSOR

(interessado)

Sim ?

A MÃE

Eu por mim quero muito. Mas o Pedro oppõe-se...

O PROFESSOR

Oppõe-se...- Por que?

A MÃE

Porque quer pô-lo na fabrica para ajudar as despesas da casa. Estamos ganhando muito pouco . O dinheiro não chega.- Veja si o convence. E' muito turrão. Já disse tudo: foi tempo perdido. Talvez o senhor... Ahi vem elle.

(Entra o Pae, olhos piscos, cara estremunhada)

Scena VII

OS MESMOS E O PAE

A MÃE

(fazendo a apresentação)

O professor do bairro.

O PAE

(de má sombra)

Muito prazer em conhecê-lo.

(O Professor estende-lhe a mão)

O PAE

Vamos sentar.(para a Mulher, interessado em afastala)

Vae ver café para o senhor.

O PROFESSOR

(Compreendendo)

Obrigado. Acabei de tomar. Convem que sua mulher esteja tambem.

O PAE

(olhando de revéz para a Mulher)

Foi ella quem o mandou chamar?

O PROFESSOR

Absolutamente. Estou correndo o bairro por ordem do Governo.

O PAE

Ainda que mal pergunte: Com que fito?

O PROFESSOR

Saber quaes as crianças que não estão matriculadas.

A MÃE

O nosso não está.

O PAE

O Governo tem alguma cousa com isso?

A MÃE

Com certeza que tem. O Governo é o pae de todos.

O PAE

Mas na minha casa mandou eu.

O PROFESSOR

Ninguem diz o contrario.

A MÃE

(para o Marido, em tom de censura)

Pedro!

O PAE

Matriculado não está. Assim o tenho entendido. E (jogo franco e cartas na mesa),- quem me obriga a matricula-lo?

O PROFESSOR

A Lei.

O PAE

A lei não manda nos filhos dos outros.

O PROFESSOR

Manda, porque os filhos não pertencem sómente á familia: pertencem, antes de tudo, á Nação. A Nação é a commu-nhão das familias.

O PAE

O filho é de quem o sustenta. Quem o sustenta sou eu.

O PROFESSOR

O Governo tambem o sustenta.

O PAE

Essa agora é boa.

O PROFESSOR

Em duas palavras: O Governo paga a escola e fornece os livros. Garante-lhe com as leis o seu salario na fabrica. Guarda a sua casa contra os ladrões. Fez a cidade onde móra, dá-lhe a própria agua que bebe. Fez as estradas de ferro e de rodagem, as linhas de navegação, o correio, o telegrapho, o exercito, a armada, - tudo isso que nos garante o conforto e a subsistencia. O Governo serve ao povo: o povo serve ao Governo. O Estado é o mutualismo social.

A MÃE

Sempre me pareceu.

O PAE

(enleado)

Póde ser...Não entendo bem... Sou um homem atrazado...

A MÃE

(para o Professor) Veja si o convence.

O PAE

Mas a questão é que... Sim... A verdade que se diga: Preciso de pôr o pequeno na fabrica para ajudar a despesa.

O PROFESSOR

O Snr. está invertendo os papeis. E' o pae que deve trabalhar para o filho, e não o filho para o pae.

A MÃE

Tem toda razão. Muito bem.

O PAE

Mas se eu não ganho o sufficiente...

O PROFESSOR

Tudo se arranja. A fabrica deixa hoje de funcionar? Em vez de ir para o botequim atire-se a um serviço qualquer.

A MÃE

Sempre lhe tenho dicto.

O PAE

E como heide vestir o meu filho para ir á escola ?

O PROFESSOR

A caixa escolar dá-lhe tudo: merenda, roupa, calçado, até remédio!

A MÃE

Louvado seja Deus.

O PAE

Mas, si fôr á escola, não poderá ir á fabrica!

O PROFESSOR

Está claro. Ou uma cousa ou outra.

O PAE

Vou pensar... Vou pensar... Venha amanhã saber a solução.

O PROFESSOR

A solução é p'ra já, porque o prazo da matricula se encerra hoje.

A MÃE

Pedro, pela felicidade de nosso filho...

O PAE

Vamos a saber. Si eu não matricular o meu filho, o Governo manda prender-me ?

O PROFESSOR

Isso não. Que idéia!

O PAE

Applica-me uma multa?

O PROFESSOR

Tambem não.

O PAE

Si o puzer na fabrica, sem saber ler, a fabrica o engeita ?

O PROFESSOR

Tambem não, infelizmente.

Deveria engeital-o. Mas em nosso paiz não existe ainda um **Regulamentação do Trabalho de Menores.**

O PAE

Pois, si não ha nada que me obrigue pela força, - não bôto o menino!

A MÃE

Pedro !...

O PROFESSOR

(levantando-se)

Acima da força ha o dever moral. Infelizmente o Snr. é um homem que não tem a comprehensão do patrio poder.- Sabe o que seja o patrio poder?

(o Pae encolhe os ombros)

O PROFESSOR

E' assim em nosso paiz. Ha paes que desconhecem as suas obrigações. Como hade haver instrução num paiz assim? Antes de educar os filhos, seria preciso começar por educar os paes.- O Snr. ignora que é obrigado a alimentar o filho?

O PAE

Isso não

O PROFESSOR

Mas ignora que **alimento** não é só o pão para a bocca. É também o pão de espírito, a instrução. Lá está no Direito Civil.

(o Pae encolhe os ombros)

O PAE

Mas tambem creio (não sei) que a Lei não me prohibe empregar o filho na fabrica...?

O PROFESSOR

A Lei não lhe prohibe locar os serviços do filho, desde que não coincida com a hora em que deverá receber o alimento de espirito. Si os dois horarios se encontram, uma cousa tem que ceder á outra. E ahí, só uma deve ceder - a fabrica. A escola é que nunca!

O PAE

(enleado)

Vamos a ver... Vamos a ver... Assim de repente...

(Tumulto fóra. Trilar de apitos. Correria. Vozes confusas, distinguindo-se os gritos de "Péga! Péga o ladrão!" "Lyncha! Lyncha!") (Levantam-se todos. A Mulher corre á janella. O Professor sóbe até á porta do fundo. O Filho entra do quarto e corre para junto da Mãe. O Pae deixa-se ficar, atoleimado, no meio da scena.)

A MÃE

(da janella)

Um homem preso.

O PROFESSOR

O povo quer lynchal-o.

A MÃE

Está com a cara ensanguentada. Vamos soccorrel-o? Dar-lhe um pouco d'agua? - Coitado !

O PROFESSOR

(para fóra)

Tragam aqui esse homem, que está ferido. Tragam aqui esse homem.

Scena VIII

OS MESMOS, O VAGABUNDO, DOIS SOLDADOS, O FILHO, DOIS POPULARES, ETC.

(Entra, extenuado, o Vagabundo, que se deixa cahir num dos tamborettes. O Pae serve-lhe um copo d'agua)

O PROFESSOR

Por que foi preso?

O VAGABUNDO

Porque furtei um queijo da prateleira.

O PROFESSOR

Por que furtou?

O VAGABUNDO

Porque tinha fome.

O PROFESSOR

Porque tinha fome?



O VAGABUNDO

Porque ha dois mezes me falta trabalho.

O PROFESSOR

Por que lhe falta trabalho?

O VAGABUNDO

Porque não sei ler.

(O Professor e a Mãe olham para o Pae que baixa a cabeça envergonhado)

O VAGABUNDO

Si eu lhes contasse a minha historia... (decidindo-se) Em duas palavras: Meu pae era um operario como aquelle Snr. (aponta para o Pae, que estremece). Eu era o seu filho único, o seu unico encargo. Minha mãe era uma santa mulher - Deus lhe fale nalma. Meu pae gastava todo o seu dinheiro nas tavernas. Quando eu estava tamanhinho (do tamanho d'aquelle menino) (aponta), - em vez de me pôr na escola, resolveu foi pôr-me na fabrica, para se apropriar do meu salario. Minha mãe oppoz-se, mas de nada valeu. Pegou em mim e mandou-me para a fabrica. Ao fim do mez quem recebia o salario era elle, - o mandrião. Eu, nem vintem! Pegava do fructo do meu trabalho, do suór do meu rosto, e ia com elle embebedar-se nas tavernas. Emquanto isso, eu crescia na ignorância. Com o tempo, minha mãe morreu. Meu pae, minado pelo alcool, acabou por ser despedido como inválido para o serviço. Resolvi fugir d'aquelle homem. Para isso, tive de largar a fabrica. Procurei emprego em outras fabricas - não havia vaga. Quiz ser soldado. Perguntaram-me: "Sabe ler?" Fiquei pasmado: Então, para ser soldado, já é preciso saber ler? Quiz ser motorneiro, conductor de bond, chauffeur, guarda civil. Sempre a mesma pergunta: "Sabe ler?" E como respondesse - "não", fechavam-me a porta - Tornei-me um vagabundo. Tenho vivido de déo em déo. Durmo nos bancos dos jardins publicos, tendo por cobertor as estrellas. Almôço e janto, por compaixão, os restos das casas de pasto. Ha dois dias que nas casas de pasto não havia sóbras. A fome apertou-me. Foi ahi que furtei o queijo e prenderam-me.

O PROFESSOR

E queriam lynchar este homem? - Este homem é innocente! É uma victima da ignorancia dos paes, e da inadver-

tencia das Leis em nosso paiz. Se lhe houvessem aberto as portas da escola, não se lhe abriam agora as portas da cadeia: - (para o Vagabundo) Vá consciente e tranquillo. Sou eu quem lhe diz: Está innocente. Conte a sua historia no plenario ao Jury, e será absolvido. A cadeia será para o Snr. a redempção. Primeiro, porque lhe vae abrir o caminho à absolvição. Segundo, porque nella irá apprender a ler.

O VAGABUNDO

(num transporte)

Que diz? Que ouço?

O PROFESSOR

Sim. O Governo acaba de instituir aulas nas cadeias aos presos analphabetos.

O VAGABUNDO

(com a visão de sua proxima regeneração)

Oh! Saber ler! Rasgar esta venda que me tápa os olhos e não me deixa ver! Desvendar a meus olhos todos os segredos dos livros, que me têm sido vedados! Armar-me do titulo para uma profissão! Fazer de mim um classificado, - eu, que tenho sido um desclassificado! Como não abençoarei essa cadeia-escola, que me vae trancar entre varões de ferro, para depois me deixar sahir instruido e rehabilitado, como um passaro longo tempo captivo, a quem se abrem as portas da gaiola para um largo vôo na immensidade! (para os soldados) Vamos! (Sáe, acompanhado dos Soldados e dos Populares)

Scena IX

O PROFESSOR, O PAE, A MÃE, O FILHO

O PAE

(indo buscar o Filho e apresentando-o ao Professor)

Leve o menino. Tome conta d'elle. Faça o que quizer.

O PROFESSOR

Emfim! farei de ti um homem, um cidadão, um Brasileiro!

(A Mãe cae de joelhos com as mãos póstas para a imagem de Christo, exclamando: "Graças, meu Deus!" O Pae soluça convulsivamente.)

14/15 - Outubro - 1916. PANNO